

Empréstimo à Argentina poderá ser uma brecha a outros países

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

Quatro horas depois de todas as agências de notícias e emissoras de televisão terem anunciado o pagamento pela Argentina dos juros atrasados, o Departamento de Relações Públicas do Citibank ainda discutia com William Rhodes, vice-presidente do banco e presidente do comitê assessor dos bancos credores, o texto do comunicado a ser distribuído à imprensa.

Só isso basta para demonstrar o extremo sigilo e cuidado com que o comitê assessor trata suas negociações com a Argentina.

Quando foi finalmente divulgado, o comunicado confirmou que a Argentina pagará US\$ 225 milhões de suas reservas e que, nesta semana, o comitê assessor transferirá US\$ 125 milhões à conta desse país no Banco da Reserva Federal de Nova York.

Esses recursos serão utilizados para pagamento dos juros a partir de 2 de julho. O comitê assessor também estendeu de 30 de junho a 1º de outubro o pagamento dos US\$ 100 milhões adiantados no acordo feito em 30 de março.

Esta foi a primeira vez que os bancos aceitaram a rolagem de juros e nunca as divergências entre os bancos foram tão fortes. O comitê procura apresentar a rolagem como excepcional e por prazo curtíssimo. Mas gerentes de bancos brasileiros e de outros países devedores vêem no empréstimo de US\$ 125 milhões uma brecha que poderá ser ampliada no futuro próximo, inclusive pelo Brasil.

Uma fonte com acesso ao comitê disse a este jornal que houve muita relutância dos membros não-americanos em aceitar o empréstimo. Além do Lloyds, cuja participação deve ser discutida com o governo inglês, devido à guerra das Malvinas/Falklands, o Dresdner Bank e o Crédit Suisse, segundo a



Bernardo Grinspun

fonte, também se opuseram — até com veemência — mas terminaram cedendo às ponderações e pressões no sentido de evitar uma crise que ninguém deseja neste momento. Além de Citibank, Lloyds, Dresdner e Crédit Suisse, também compõem o comitê sete outros: Crédit Lyonnais, Royal Bank of Canada, Banco de Tóquio, Bank of America, Chase, Morgan, Manufacturers Hanover.

Fontes do Manufacturers, logo depois de anunciar o pagamento, informaram que, com a decisão argentina, o lucro do banco no trimestre será de US\$ 70 milhões e que, em vez de US\$ 35 milhões, o banco apenas transferirá US\$ 25 milhões para a conta de "non-performing loans" (débitos duvidosos).

A mesma fonte com acesso ao comitê confirmou que o Fundo Monetário Internacional (FMI) enviou mensagem ao comitê dando conta de que as negociações entre a Argentina e o FMI continuam e que ambas as partes manifestam empenho em chegar a um acordo. O Wall Street Journal informou, sexta-feira, que alguns banqueiros interpretaram a mensagem como um sinal de que o entendimento estaria próximo.

Banqueiros e diplomatas ouvidos por este jornal admitem que seja verdadeira a informação dada ontem pelo correspondente do

jornal The New York Times em Buenos Aires, Edward Schumacher, de que estariam surgindo divisões dentro do governo argentino. Segundo Schumacher, Grinspun encarna a linha dura nas negociações com o FMI, enquanto "tecnocratas da Secretaria do Planejamento e outros assessores presidenciais" estariam pressionando em favor de um compromisso com o Fundo.

Para a grande maioria dos banqueiros americanos, o discurso de Alfonsín na noite de quarta-feira e o gesto do comitê assessor, aceitando fazer um novo empréstimo para pagamento de juros, são interpretados como sintomas de que o pior já passou. Um desses banqueiros disse que, após o pagamento de sexta-feira, a Argentina ainda está devendo mais de US\$ 500 milhões (vencidos de 1º de abril em diante) e perguntou: "Você acha que o comitê iria, a esta altura, correr o risco de se desmoralizar diante dos 320 bancos que ele representa, sem ter um mínimo de garantia de que as coisas estão bem encaminhadas?"